

GAZETA MERCANTIL

FIM DE SEMANA

QUINTA-FEIRA, 1ª, SEXTA-FEIRA, 2ª, E FIM DE SEMANA, 3 E 4 DE NOVEMBRO DE 2001

www.gazetamercantil.com.br/fimde semana

EXEMPLAR PARA ASSINANTES



Tigela de madeira do século 19, originária do Baixo Amazonas, representa uma onça de duas cabeças: objeto destinado ao consumo de alucinógenos durante rituais

Natureza ritual

Exposição no British Museum quer provar a complexidade da vida indígena na região amazônica

ANA RITA LIMA*
de Londres

A variedade de flora e fauna da Amazônia sempre fascinou os europeus. No entanto, são poucos os documentários e livros sobre a floresta tropical que se dedicam às tribos indígenas brasileiras. Os índios geralmente figuram como apenas mais um habitante da floresta amazônica, recebendo tanto ou menos destaque do que as coloridas araras ou ameaçadoras jibóias. Mas isto está prestes a mudar. Uma nova exposição no British Museum, em Londres, foi montada especialmente para revelar a complexidade da cultura indígena e romper certos estereótipos que permeiam o imaginário da maioria dos ingleses — e certamente de muitos brasileiros também — quando o assunto são os povos nativos do Brasil.

Batizada de "Amazônia Desconhecida", a mostra é resultado de um esforço conjunto entre o British Museum e a associação Brasil Connects. Reunindo mais de 200 peças emprestadas tanto de colecionadores europeus como de organizações brasileiras, trata-se do maior evento sobre índios brasileiros já exibido na Inglaterra.

"O objetivo principal desta exposição é mostrar para as pessoas que, ao contrário do que a maioria imagina, as tribos que habitavam a Amazônia antes da colonização europeia não eram grupos esparsos e pouco organizados", diz o curador Colin McEwan. "Descobertas arqueológicas recentes provam que a região amazônica já era ocupada há milhares de anos, e as civilizações indígenas se concentravam em áreas densamente povoadas, funcionando em sociedades complexas", afirma.

Para McEwan, a simples diversidade linguística encontrada entre as tribos brasileiras é prova suficiente de que as civilizações indígenas se desenvolveram por milênios. "Na Europa nós temos um pequeno número de idiomas que se desenvolveram a partir do latim, por exemplo. Trata-se de um processo histórico lento, que precisou de séculos para se manifestar e chegar à multiplicidade que nós conhecemos hoje. Na Amazônia, há seis famílias linguísticas diferentes. Trata-se de uma diversidade incrível, que mostra por si um passado muito mais antigo do que nós normalmente imaginamos", explica o curador. Para mostrar ao público exemplos dessa diversidade cultural, a exposição começa com um conjunto de seis cocares e acessórios feitos com penas, sendo que cada um foi concebido por uma tribo de língua diferente: Tikuna, Aparai, Kaxinawá, Kayapó, Urubú-Kaapor, Rikbaktsa e Makuna-ni.

Descobertas arqueológicas embasam a teoria do curador Colin McEwan. Entre os objetos mais fascinantes da mostra estão gigantescas urnas funerárias da nação marajoara, feitas por volta do ano 400 e ricamente decoradas com pinturas que representam entidades da natureza ligadas à vida e à morte.

"O simples tamanho das urnas mostra que as tribos não eram nômades. Seria impossível carregar esses objetos pela floresta, e os índios tinham grande respeito pelos mortos, preservando os corpos nestes vasos e tratando-os como ancestrais. As escavações feitas no Brasil mostraram que havia áreas densamente povoadas, onde as civilizações se mantinham por séculos e se desenvolviam", explica McEwan. Na região de confluência do rio Amazonas com o rio Negro, foram encontrados trechos com até dois metros de profundidade de terra preta, datando do século XI. A terra preta é uma mistura preparada pelos índios para aumentar a fertilidade do solo. Esta descoberta arqueológica mostra que os índios se organizavam em sociedades agrícolas há mais tempo do que se imaginava, e não apenas caçando e colhendo alimentos disponíveis na floresta.

Os objetos mais antigos da exposição provam que a história de ocupação humana na Amazônia vai além de alguns séculos antes da che-



Estátua de mulher grávida, de Santarém, ano 1000



Possessão do pajé por espírito de onça, dos tapajós, séc. 19



Cabeça de inimigo preservada por munducurus

imaginário. Estrategicamente posicionado ao lado de lanças e outras armas, o objeto mostra que os índios utilizavam a natureza não apenas para obter alimento, mas também para criar. A exposição procura deixar claro que os índios se enxergavam como parte integrante da natureza, salientando a forte presença de animais em objetos rituais. Elementos importantes como ritos de passagem, guerra e rituais mágicos são ilustrados com cerâmicas, cestos, estatuetas, roupas e armas de diversas regiões da Amazônia, incluindo Maracá, Guarita, Aristé e Santarém. Entre os itens mais desconhecidos no próprio Brasil estão cabeças de inimigos preservadas e decoradas, guardadas como troféus de guerra. Há também estátuas do ano 900, simbolizando a possessão de um pajé pelo espírito de uma onça. Rebuscados vasos dos tapajós, que parecem barrocos em seu estilo, representam um mundo no qual pequenos homens sustentam animais e árvores. "Estas obras parecem mostrar uma ordem na qual os homens são subservientes à natureza", comenta McEwan.

Apesar da grande diversidade de tribos, a exposição evidencia uma unidade entre elas. A prova está em detalhes como o fato de que, em uma estátua da nação maracá que representa um pajé sentado em seu banco ritual, a estampa do banco feito em argila é a mesma que pode ser vista em um banco real, de madeira, concebido em Desana, uma tribo totalmente independente.

O curador McEwan reconhece que "Amazônia Desconhecida" não contempla todos os aspectos da cultura indígena. "Nós não temos a pretensão de ser uma mostra definitiva. Estes são apenas alguns retratos destes povos, muitos dos quais desapareceram", ele diz. A exposição fornece de fato uma bela visão da cultura indígena, ainda que parcial. Há pouca informação sobre as tribos que ainda existem no Brasil, e quase nada é dito sobre as circunstâncias em que elas vivem. Por conta disso, fica a impressão de que se trata de uma civilização condenada a se tornar de fato objeto de museu. Muito é revelado sobre o passado das tribos, mas nada é dito sobre seu futuro. No entanto, a simples presença da exposição no British Museum tem o mérito de chamar a atenção para a existência desta cultura, e quem sabe valorizá-la aos olhos dos europeus. É uma pena que a mostra não vá percorrer o Brasil.

"Amazônia Desconhecida" permanecerá no British Museum até o dia 1º de abril de 2002.

* Especial para a Gazeta Mercantil

gada dos europeus. Colares e utensílios identificados como tendo sido feitos no ano 6000 a.C. são evidências da pré-história brasileira desconhecida por muitos. "Até pouco tempo atrás os estudiosos costumavam pensar que o ambiente da floresta amazônica era inóspito demais para abrigar civilizações tão antigas. Mas esta idéia está sendo mudada agora", comenta Colin McEwan. "Aparentemente, índios têm ocupado a região há oito mil anos, e o mais fascinante é que alguns continuam na floresta, mantendo suas tradições vivas."

São justamente essas tradições que o British Museum está querendo mostrar a seus visitantes, indo além das informações históricas encontradas em escavações arqueológicas. O subtítulo da mostra é "Cultura na natureza no Brasil antigo", e esse aspecto da exibição é tão ou mais importante do que as evidências de um passado desconhecido.

Metade da exposição é composta por objetos feitos nos últimos cem anos, que revelam um pouco da complexa cultura indígena. Segundo McEwan, o objetivo é mostrar aos europeus a diversidade das tribos, acabando de vez com a idéia de denominá-las "selvagens".

O objeto escolhido para abrir a mostra é um ornamento feito com as penas de diversas espécies de aves, criando a silhueta de um pássaro